MULHER E A LITERATURA: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA NO BRASIL

Deyvid de Oliveira Pereira (UFC)[1]

Resumo: Os estudos de obras cunhadas no discursos pós-estruturalistas iniciados a partir da primeira metade do século XX traz à tona uma perspectiva sobre as minorias de forma a contemplá-la em análises variadas. Tal comportamento também se verifica na literatura, aqui focalizada na de autoria feminina do início do século XIX, promovendo um olhar crítico, de memória e resgate e uma reflexão sobre o cânone literário, contemplado pela historiografia literária, e o questionamento de seu absolutismo teórico na literatura brasileira. Nesse sentido, o presente trabalho apresenta ponderações sobre o valor da escrita histórica e suas nuances interpretativas ao passo que propõe um olhar para poemas de escritoras "esquecidas" pela academia falogocêntrica em que está inserido o ensino de literatura, porém resgatadas pelos trabalhos acadêmicos do século XXI.

Palavras-chave: Escrita Histórica. Historiografia literária. Literatura de autoria feminina.

Abstract: Studies of works coined in post-structuralist discourses initiated from the first half of the 20th century bring to light a perspective on minorities in order to contemplate them in varied analyses. This behavior is also seen in literature, here focused on that written by women from the beginning of the 19th century, promoting a critical look, of memory and rescue and a reflection on the literary canon, contemplated by literary historiography, and the questioning of its theoretical absolutism in Brazilian literature. In this sense, the present work presents considerations on the value of historical writing and its interpretative nuances while proposing a look at poems by writers "forgotten" by the phallogocentric academy in which literature teaching is inserted, but rescued by the academic works of the century. XXI.

Keywords: Historical Writing. Literary historiography. Literature by women.

Em muito a crítica literária brasileira tem se pautado nas narrativas históricas para legitimar as análises das produções artísticas nacionais. Teóricos como Antônio Cândido (2007), Afrânio Coutinho (1986), Massaud Moisés (2008), através da relação entre literatura e sociedade, realizam estudos nos quais os valores estéticos, temáticas e formas são considerados, sobretudo, como um processo advindo dos anseios observados em cada época

Contudo, a partir da corrente pós-estruturalista instalada nas primeiras décadas do século XX, os estudos da história sofrem uma reviravolta e os pilares que os sustentavam são questionados, trazendo à tona uma discussão que pensava o verdadeiro valor do passado e sua significação para a sociedade em geral. O conceito de

[1] Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é professor efetivo da Rede Estadual de Ensino do Tocantins.

História, dessa forma, é ampliado na medida em que teorias ocupadas em pensar a linguagem colocam em pauta as implicações advindas de quaisquer enunciados,

inclusive as narrativas históricas, e observam as particularidades imanentes à ordem do discurso, a saber, a carga ideológica, o caráter de construção sociopolítica e, sobretudo, o aspecto multicultural observados nas múltiplas falas sociais existentes, em especial as dos marginalizados pelo eurocentrismo e falogocentrismo.

Hayden White (2006) , um exemplo a ser citado, em seu texto "Enredo e Verdade na Escrita da História" argumenta que, por se utilizar do discurso, a narrativa histórica em muito se aproxima da produção literária em prosa, ou seja, tem uma relação com a ficcionalidade ou filtros sociais definidos pelo interesse daquele que a escreve. Como consequência a autenticidade da produção da história pode incorrer no risco de imanar inúmeras possibilidades de leitura ou escritura e ainda diversas formas de observar um dado acontecimento. Ao relevar a periculosidade da narração de um fato histórico – o pensador toma como ponto de análise a narração do Holocausto e a forma como os testemunhos se deixam levar pelo caráter emotivo impregnado na memória – White salienta que o historiador deve oferecer em sua produção um aspecto coadunado com a cientificidade esperada do discurso histórico, fato esse contemporâneo e que não foram considerados na produção histórica do século XV a XX.

Concomitantemente, a visão do tempo ganha novas perspectivas. A linearidade

cristã é colocada em suspeita e o passado começa a ser visto não mais como uma entidade estagnada e absoluta, mas uma construção que passa a fazer sentido na sua experimentação no tempo vivido, ou seja, no presente. Tendo em vista essa mudança metodológica e a consideração de múltiplas temporalidades, Paul Ricoeur (1997) abordará a impossibilidade de se descrever o passado em sua forma completa, em sua totalidade. Para este pensador o que se pode fazer é dar "representância" a fatos acontecidos, estabelecer uma aproximação com o real a partir de interpretações de "rastros" deixados e encontrados no presente.

> O rastro é, assim, um dos instrumentos mais enigmáticos pelos quais a narrativa histórica "refigura" o tempo. Ela o refigura construindo a junção que efetua o reconhecimento do existencial e do empírico na significação do rastro. Sem dúvida, o historiador, enquanto tal, não sabe o que faz ao construir signos como rastros. Ele permanece, para com eles, numa relação de uso. É ao frequentar os arquivos, ao consultar os documentos, que se põe a

> rastrear o passado como tal. O que significa o rastro é um problema não do historiador-cientista, mas sim do historiador-filósofo. (RICOEUR, 1997: p.209)

A partir do fragmento exposto, observamos que Ricoeur, ao abordar os meios pelo quais o historiador deve encaminhar-se na pesquisa e representação do real, ao passo que institui uma via possível para o trabalho da narração da história, implica, também, na dúvida sobre o que temos de verdade e quais outros rastros foram omitidos pela visão eurocêntrica da história. Este já não é mais visto pela concepção absolutista e positivista de um lugar comum, não habitável e, porém, passível de acesso.

François Hartog (2006), em seu texto "Tempos do mundo, história, escrita da história" parece demonstrar uma inquietude tendo em vista que a ideia de uma história universal, que outrora vigorava nas produções históricas, não mais é vista como aceitável e possível em virtude das inúmeras compreensões sobre o tempo bem como a pluralidade cultural que já não se foca, apenas, no círculo ocidental, em especial, europeu. Como consequência dessa observação, Hartog considera que o regime de historicidade utilizado pela produção do século XIX, por exemplo, já não se faz eficaz na medida em que o aspecto fragmentado da sociedade contemporânea exige que sejam relevadas parcelas, grupos ou organizações sociais com uma percepção particular em que as significações sobre o tempo ganham intensidade diferenciada. Acerca dessa questão, ele afirmará que:

> O recurso de regime de historicidade não pretende evidentemente ser a solução, o coelho tirado da cartola, mas ele permitiria começar a trabalhar, interessando-se pelas diferenças e pelas extremidades das formas de temporalidade, aqui e lá: pelas interações, pelas imbricações, pelas sobreposições, pelas interpenetrações, pelos deslocamentos, pelos desprendimentos dos regimes de historicidade articulando espaço e tempo. Porque não há um tempo único; diversas foram e são as experiências do tempo, há em toda parte, maneiras homólogas de fabricar tempo humano ou social em um mundo que jamais ignorou, em maior ou menor escala, troca de interações. (HARTOG, 2006, p. 23).

Este frenesi de refutação do modelo tradicional de historicidade culminará, consequentemente, na busca de pilares teóricos multidisciplinares: história, filosofia, sociologia e literatura acabam se tornando fontes para a interpretação e escrita da história – agora social e cultural. Contudo não é só a História que usufrui dessa aproximação. Na literatura, essa relação terá extrema significação para a crítica literária historiográfica nacional, haja vista os trabalhos de resgate de textos de autoria feminina, como é o

caso da obra "Úrsula", de Maria Firmina dos Reis, que contempla em si duas grandes minorias, a da mulher e da mulher negra. É a partir da revisão do passado e da pesquisa histórica das multiplicidades que poderemos ver o nascimento de uma crítica literária historiográfica fundamentada em obras como, por exemplo, de *História da mulher no século XIX* de Michelle Perrot (1991), *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir (1986), *A invenção do cotidiano* de Michel de Certeau (1996) , e no campo de pesquisa nacional, obras como *A História das Mulheres no Brasil, História do Amor no Brasil, Mulheres no Brasil Colônia* de Mary Del Priori (2011)

A revisão do passado é uma manifestação legítima de resgate e memória de uma perspectiva aquém dos interesses falogocêntricos. Nesse sentido, a revisão do passado permite escrever uma historiografia literária sob o prisma da vivência feminina e elaborar, a partir dele, uma crítica literária voltada mais à realidade de mulheres anteriores ao século XIX. A esse respeito Marilene Weinhardt (2002), em seu texto "Ficção e História: a retomada de um antigo diálogo" afirmará que:

> Talvez enquanto os outros busquem construções epistemológicas, nós nos empenhamos em descobrir um fugidio passado que nos explique e justifique. Na busca da impossível descoberta, do resgate interdito, o passado é moldado, ainda que também, e sempre, provisoriamente [...] O nosso outro talvez seja o antepassado. É preciso encontrá-lo, ainda que ficcionalmente. (WEINHARDT, 2002, p. 110)..

Embora a literatura não se foque, para algumas correntes, como o da fenomenologia, estética da recepção, entre outras, necessariamente na questão de composição sociopolítica de uma parcela específica da sociedade, e independe disso para existir, ela não deixa de ser remodelada por aspectos imanentes a cada período ou grupo. Dessa forma os estudos e análises de obra, por sua vez, podem utilizar os elementos temporais registrados na escrita para pensar o discurso poético que emerge, rizomaticamente, de contextos variados e, também, múltiplos. Diante dessa nova postura crítica e investigativa, o advento de pesquisas históricas focadas na produção intelectual de segmentos da sociedade antes desconsiderados fomentou o nascimento de linhas de estudos regidas por novos interesses: a de revisão do passado e dos postulados estéticos que excluíram das discussões literárias a escrita oriunda de grupos marginalizados ou "diásporas"[10].

Thomas Bonnici (2009), em seu texto "Teoria e Crítica Pós-Colonialista" abordará que essa proposta revisionista realizada e promovida pela discussão pós-

colonialista levará a crítica literária a observar a produção sob um foco diferenciado, sobretudo no que tange ao que ele denomina como processo de descolonização. Em sua perspectiva, Bonnici definirá que o engajamento político pretendido pela revisão do passado e de sua forma afetará a percepção canônica de produção na medida em que a crítica literária não se fecha mais na análise, tão somente, de autores consagrados, como Machado de Assis, por exemplo, mas deixa-se enveredar pelas letras de escritas dita marginalizadas[11]. Acerca dessa questão abordará que:

> O deslocamento do Cânone literário, a releitura e a reescrita fazem parte de um programa geral de descolonização. A descolonização é um processo de desmascaramento e demolição do poder colonial em todos os seus aspectos. Enganam-se aqueles que pensam que a declaração de independência política produz, por si só, a *descolonização da mente* e que as literaturas nacionais [...] ficaram livres de inscrições e de resíduos coloniais. (BONNICI, 2009, p. 276)

Vê-se, então, uma modificação da relação teórica entre história e literatura. Esta última, agora, se fundamenta, também, nas produções ocupadas em historicizar pequenas outras camadas da sociedade. A emergência do discurso fora do padrão europeizado fomenta, por sua vez, uma produção crítica voltada à análise de grupos outrora silenciados, como é o caso, por exemplo, das escritoras brasileiras do século XVIII. Neste cenário Zahidé (2000), com seu livro *Escritoras Brasileiras do Século XIX* e *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, de Nelly Novaes Coelho (2002) surgem como exemplo de extrema significação para o reconhecimento de mulheres escritoras no Brasil. Estas pesquisadoras trazem, para o conhecimento geral, produções literárias de autoria feminina, contemplando ainda algumas escritoras do século XVIII brasileiro, como é o caso das poetisas Beatriz Francisca de Assis Brandão, Delfina Benigna da Cunha, Idelfonsa Laura César e outras diversas.

Ao dar voz às literatas esquecidas pelo cânone nacional, Zahidé Lupinacci Muzart (2000) e Nelly Novaes Coelho (2002) fomentam um processo de releitura crítica que não se foca mais em analisar apenas os autores consagrados, mas também em mostrar que a escrita feminina, mesmo em condição desigual ao homem, possui um valor estético significativo e digno de ser citado nos livros de crítica literária produzida no Brasil.

Apesar de resgatar escritos esquecidos e reuni-los em três conceituados volumes, a proposta de Zaidé Lupincci, por si só, não sustentaria uma análise científica das produções poéticas de autoria feminina por dois motivos: 1) a crítica historiográfica nacional

é falogocêntrica e, logo, oferece aparatos teóricos eurocêntricos, não contemplando mulheres, afinal estas eram consideradas intelectualmente inferiores aos homens; 2) analisar as poesias de autoria feminina do período colonial é preciso entender, antes, como era a vida da mulher na colônia brasileira, afinal, como aponta Roncari, em sua obra *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*, as produções árcades nacionais, apesar de tender ao ficcional, imbrica, num só contexto, criador e criatura através da manifestação de um eu-lírico indissociável da autoria.

A partir de narrativas históricas sobre a vida da mulher brasileira, bem como da *História do Amor no Brasil*, obra de Mary Del Priori (2011), pode-se criar um panorama aproximado à vida feminina na colônia e, consequentemente, pensar a produção poética de mulheres desse período, tendo como ponto de partida uma leitura analítica focada nas considerações estéticas e formais presentes nas obras destas mulheres. Entretanto, a mulher da colônia brasileira é, também, figura construída por um sistema social sexista e, logo, terá abstraído em seu subconsciente essa visão e um grande caminho de lutas separam-na da fala de Simone de Beauvoir (1986): "não se nasce mulher, torna-se mulher".

Sendo rótulo de uma sociedade misógina, o entendimento que se tem de mulher retoma, também, uma polifonia que tem herança desde os gregos, passando pela Roma Antiga, pela Idade Média até o Brasil setecentista e oitocentista. Nesse ambiente, entender o feminino e sua produção, requer também entender o processo de construção desse feminino, afinal o patriarcalismo do Brasil de então era suficientemente intenso para moldar a mulher, que toma como verdade absoluta o seu lugar de inferioridade, como podemos observar nas estratégias discursivas de Beatriz Brandão, ao poetizar sobre o amor presente nos trabalhos domésticos, no apego ao lar e no ato de servir; em Delfina Benigna da Cunha, ao se sujeitar seu amor a um lugar de inferioridade, semelhante as cantigas de amor trovadorescas, contudo com um byronismo latente em seus desejos de morte; em Idelfonsa Laura César, que tem no amor uma expressão erótica recatada, porém presente e moderadamente livre nos seus poemas.

Assim, entender a escrita feminina do período colonial brasileiro, sobretudo aquelas que tematizam o amor, é um processo que extrapola o limite diacrônico, a final o entendimento de amor representado por estas mulheres é, também, fruto de uma construção social que privilegia sempre o masculino, seja ela enquanto sublime, como aponta Platão, ou representação neoplatônica do amor cortês, difundido nos mais de oito

séculos de domínio judaico-cristão, que tende a apontar, sempre, a virtude masculina de rejeição à tentação da carne.

Mas a mulher da segunda metade dos setecentos e da primeira metade dos anos oitocentos não se importa mais com as normas Estatais e Clericais. Um exemplo disso pode ser observado nos inúmeros casamentos consensuais. É certo que elas são, ainda, manipuladas por um sistema que as utiliza como subcategoria, mas o fervilhar de um sentimento de nacionalidade, somado aos ideais iluministas e ao processo de

Igualdade e Fraternidade, lema da Revolução Francesa, promoverão, nas escritoras brasileiras da colônia, a sensação, ainda que ínfima, de que a verdade que as aprisionava

não lhes parece mais um discurso capaz de conter o grito feminino silenciado por milênios.

Apesar de as mulheres possuírem uma conduta diferenciadas do masculino, essa condição não implica, necessariamente, numa insurgência da escrita sobre um padrão totalmente diferenciado do vigente. As produções literárias realizadas por mulheres brasileiras do período colonial seguem um padrão específico e elaborado pela sociedade patriarcal. Essa coadunação entre produção masculina e feminina decorre-se, sobretudo, pelo fato de a literatura buscar em si mesma um referencial para produção, limitando a imanência do discurso a um modelo formal internalizado na cultura. Como a escrita feminina nasce, no Brasil e no mundo, somente no século XVIII, esta buscará nas obras masculinas um referencial de produção na medida em que encontra nos seus percursores.

Entretanto na medida em que observamos a literatura produzida por mulheres como uma tendência de cumprimento estético e valorativo padronizado pelo falogocentrismo, torna-se evidente, também, uma tendência ao desvio dos modelos vigentes. O diferencial habita no estilo de cada escritora e a maneira como elas desenvolvem suas poesias, sobretudo no que tange à temática amorosa. Beatriz Francisca de Assis Brandão, por exemplo, seguirá um padrão neoclássico, com manifestações líricas pré-românticas. Todavia o caráter ideológico do amor apresentado por ambas escolas se confrontarão, sobretudo, com o valor judaico-cristão que permeia a formação desta poetisa. Enquanto de um lado evidenciamos o amor sendo apresentado e vivido como sentimento sublime, tendência Árcade, do outro vemos poemas que confrontam as leis humanas a partir de uma argumentação direcionada aos interesses do corpo. Em medidas aparentemente proporcionais, vemos nas letras de Beatriz uma trajetória que se inicia com a

idealização do amor e culmina na irrealização terrena deste sentimento. Este fator, por conseguinte, irá promover na escrita de Beatriz um canto ao sentimento amoroso cunhado em perspectivas duais e, sobretudo, inconformadas.

Diferente de Beatriz Brandão, Delfina Benigna da Cunha e Ildefonsa Láura

César, estas, na medida Neoclássica, cantarão um Eros distante da idealização vista, por exemplo, na primeira metade de Marília de Dirceu. Delfina Benigna da Cunha e Ildefonsa Laura César tendem a versar o amor através de um desespero típico da segunda geração Romântica no Brasil: Delfina Benigna da Cunha retratará o amor pela perspectiva da ausência e da descrença. A impossibilidade de realização amorosa com um homem idealizado, chamado pela autora de Elmano, levará esta escritora a sugerir, em vários momentos, a morte como solução para a dor da saudade. Em uma de suas glosas, por exemplo, todo o discurso poético retrata a tensão desfalcada entre desejo e possibilidade.

O desespero é constante em Delfina Benigna da Cunha e também o será em Ildefonsa Laura César. Assim como aquela, esta retratará o amor sob a forma da ausência e da impossibilidade de realização, algo como um lugar perdido, e não recuperado. Contudo, a presença da morte não será recorrente em seus textos. O amor pessimista e erótico de Ildefonsa Laura César, por sua vez, remonta à aceitação da condição de escritora na colônia: o pessimismo surge como desistência das regras e limites sociais atribuídos ao feminino; o erotismo como canto audacioso de quem não quer se sujeitar à condição de amante vigiada.

Ao fazermos um breve comentário sobre a produção literária dessas autoras brasileiras do Período Colonial, podemos perceber que a temática do amor se faz presente em suas escrituras, de forma significativa, porém com fulgores distintos. Embora coadunem com um padrão formal promovido, sobretudo, pela escrita masculina, estas mulheres acabam se distanciando do postulado estético observado na literatura de então. De forma intimista, a temática amorosa recorrente nos escritos das poetisas mencionadas representará as particularidades de um amor empoderado pelo feminino e que reflete a vida de uma mulher nos fins do século XVIII e começo do século XIX do Brasil colonial.

Na história do Brasil Colonial, a construção do estereótipo feminino trazia consigo uma imagem fundada pelos valores patriarcais de uma sociedade que se fundamenta por uma visão política e cultural eminentemente masculina: ao homem vinculavam-se assuntos que remetiam à descoberta e ao desbravamento; à mulher, destinavam-se o lugar familiar

e a vida comedida. Romper com esse seccionado sistema conduzia o transgressor a um conceito de valor por si só renegador. O ideal, então, era conter-se aos preceitos religiosos e misóginos que regiam a colônia, caso contrário, a visão preconceituosa do patriarcado traria à tona, para a mulher, um processo de regressão consequentemente configurado em estigmas.

Entretanto, apesar de o Período Colonial do Brasil possuir um cenário desfavorável à manifestação feminina fora dos limites do lar, tivemos mulheres que romperam com a conduta social e o dogmatismo religioso/patriarcal e lançaram-se na ousadia, ainda que menosprezada, de produzir arte, poesia. Rita Joana de Souza, Ângela do Amaral Rangel, Bárbara Heliodora, Maria Josefa Barreto, Maria Clemência e Silveira Sampaio, selecionadas na obra *Escritoras Brasileira do Século XIX* (2000), são outros exemplos a ser citados. Talvez, antes desse período, algumas outras escritoras tenham praticado o labore literário, contudo, não está e acessível; afinal, até para os homens havia uma imposição política rigorosa acerca da publicação de obras e textos, que diria então às mulheres, que historicamente têm seu papel restrito à vida doméstica.

De fato, se considerarmos a quantidade de textos produzidos por homens e compará-los com os feito por mulheres, perceberemos que o campo torna-se mais vasto quando se opta por tomar como base escritores canônicos. Contudo, tal circunstância não implica, necessariamente, na negação e esquecimento de textos produzidos por nomes, tais como: Beatriz Francisca de Assis Brandão, Delfina Benigna da Cunha e Ildefonsa Laura César que trazem, em sua produção escrita, fatores importantes para o entendimento da formação e da construção da identidade literária feminina, afinal estas escritoras utilizam uma temática universal, a saber o amor, contudo imbricando particularidades de um feminino rigidamente silenciado.

O discurso amoroso é fruto de considerações masculinas. Platão (2010) e Epicuro (1973), na Grécia Antiga e Lucrécio (1973), Sêneca (2005), Virgílio, na Roma Antiga e a Igreja, no período Medieval, são exemplos. A fala feminina perante este tema camufla-se e à mulher, por sua vez, é repassado um discurso estrategicamente elaborado para os interesses masculinos, ou de purificação para o retorno ao movimento das almas, ou pela negação absoluta do amor como medida exata do bem viver, ou como prática moral sustentado em crenças de resignação plena à espera da redenção absoluta. Assim, conceituado e caracterizado por falas falogocêntricas, os discursos sobre o amor tornam-se, pois, mais voltados à satisfação ou purificação masculina. Entretanto, apesar de ser pensado

basicamente pelo homem, as definições do amor acabam por não se estagnar no interesse masculino, apenas.

Harold Bloom (1991), em seu livro "A Angústia da Influência", apesar de não destinar seus argumentos em favor da causa estética, evidencia, entre os artistas, a preocupação do efebo em "imitar" o poeta percursor, mas adaptando sua realidade por meio de leituras que, ou matam, ou desviam, ou endeusam, ou parafraseiam o seu percursor. A literatura, dessa forma, como uma realidade que inspira outras realidades literárias, elabora um processo de aprimoramento, no sentido de adaptação à época, lugar e sujeito literato. Nesse sentido, uma obra anterior implicaria na influência de uma obra posterior.

Denis de Rougemont (2003) pontuará, corroborando a fala acerca da herança literária, que a construção da ideia de amor, na mentalidade ocidental, é consequência de lendas, mitos e Romances de Cavalaria. Estes, ao passo que cumpriam um dever cultural, executariam, em toda Idade Média, uma mudança na concepção do tema, que retira da literatura uma retórica específica e, nesta retórica, incita novas criações literárias. O amor cortês, cantado em jograis ou proclamado em público, dessa forma, deixaria, além de marcas catárticas nos ouvintes, imprimiria, paulatinamente, uma ideologia comum e vulgar sobre o sentimento amoroso.

Mary Del Priori (2009), em seu livro *História do amor no Brasil* aponta para o mesmo processo, contudo destacando que no Brasil a interferência da realidade literária se deu por via de romances de cavalaria, muito lido nos primeiros séculos de colonização, e poesia trovadoresca, também declamada em público, seja ele nobre ou não. Aos poucos, pois, o amor reproduzido pela literatura desenvolverá uma mentalidade comum sobre o significado e importância do ato de apaixonar-se.

Diante dessa questão, pensar o discurso amoroso nas produções das escritoras estudadas nos implica em considerar que o lirismo presente nas poesias são advindos de um discurso falogocêntrico, mas que fora adaptando-se ao longo do tempo por causa da idealização literária. Arte que imita a vida e vida que imita a arte: uma tautologia de difícil explicação, afinal o que se diz sobre Eros ressoa não só em comportamentos, regras, fórmulas, mas internaliza-se na subjetividade humana a tal ponto de provocar erros interpretativos, afinal, a experimentação do outro não pode ser reproduzida, em verdade, essência e tudo que se diz sobre pode, apenas, aproximar-se de um extrato poética escondido entre palavras, que usa o mundo para se expressar, mas o extrapola na medida em que a fixidez da linguagem limita a reprodução exata de um fulgor literário.

À luz dos trabalhos de Foucault, em que se tem demarcado o dispositivo de sexualidade como controle social, exercido pelo sistema, dos caprichos e desejos do corpo. Tomando este pressuposto como ponto de partida, Tânia Navarro Swain (2013), em seu texto "Entre a vida e a morte, o sexo" apontará que a concepção de amor feminino, tal qual acontece nos limites da sexualidade, será imposto por uma educação específica destinada à mulher, no qual as falas e ensinamentos sobre o que é amor e como concebê-lo provêm de demarcações falogocêntricas. O feminino, neste processo de ensinamento, internaliza o ideal de amor subjetivando-o. A historiadora pontuará:

> O dispositivo amoroso se afirma nas práticas que se desdobram de forma exponencial para a construção do feminino: a educação formal, a pedagogia sexual, a disciplina dos corpos – magros e belos – a domesticação dos sentidos e dos desejos para seguir a imagem ideal DA mulher. Isto é o assujeitamento, em sua plenitude. Restam asbrechas, o formigamento do desejo de liberdade, para além da sexualidade e do sexo...
>
> O dispositivo amoroso e a sexualidade formam a trama onde se tece e se produz o feminino – a objetivação indissociável do processo de subjetivação, a produção do sujeito de um saber e a produção do saber sobre um sujeito por meio de práticas discursivas e não discursivas diversas. As tecnologias do gênero têm assim uma dupla face, externa e interna a si mesma, que trabalha na produção do sujeito feminino em quadros de valores para os quais é e cria referência. A ação sobre si utiliza técnicas de adaptação, de recusa, de assujeitamentos aos códigos, aos limites, às normas de gênero e de sexualidade (SWAIN, 2013, p. 12)

O dispositivo amoroso, conforme fragmento acima, imprime uma particularidade ao significado de amar. Ao homem, o amor associa-se ao sexo e à mulher é cumprido uma educação em que o ato de amar tem relação voltada, sobretudo, a uma educação de ordem subjetiva de controle do corpo e do sexo. Nessa medida Tânia corrobora a ideia de o feminino é construído socialmente e, nesta construção, moldado conforme interesse misógino da sociedade. O discurso de paixão, amor, quando manifestado por mulheres, dessa forma, seria uma imposição temporal de valores que privilegiam ao masculino enquanto que ao seu oposto, a conduta de amar assemelha-se à placidez e resignação de saber sofre e sonhar em silêncio, no âmago de uma subjetividade construída, porém empoderada.

Assim, entender a representação do sentimento amoroso em Beatriz Francisca de Assis Brandão, Delfina Benigna da Cunha e Ildefonsa Laura César como consequência de uma educação estrategicamente voltada ao controle, parece-nos uma medida "mais ou menos" adequada para dizer e entender o processo de significação do amor

nos lirismos de cada poetisa aqui analisada. Entretanto elas rompem o recato atribuído com o dispositivo amoroso e lança-se a, assim como o homem, cantar o amor não só pelo viés da complacência, mas do desejo de liberdade para poder gozar sua vida, em instâncias físicas e sentimentais, conforme lhes faziam vitaliciamente necessário.

Referências

ARAÚJO, Emanuel. A Arte da Sedução: Sexualidade Feminina na Colônia *In*: DEL PRIORI, Mary (org.). **História da Mulher no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 45 - 77.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**, 4ª edição. Editora Nova Fronteira, 1986.

BLOOM, Harold. **A angústia da influência**: uma teoria da poesia. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BONNICI, Thomas. Teoria e Crítica Pós-Colonialista *In:* BONNICI, Thomas (org). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas** 3ª ed. Maringá: Editora UEM, 2009. p. 257 a 286.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 37ª Ed. São Paulo: Editora Cultrx, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.

CARVALHO, Marcos de. A violência espelhada: jogos e artimanhas do simbólico na poesia de Beatriz Brandão e Martha Medeiros IN: CUNHA, Helena Parente. **Violência Simbólica e Estratégias de Dominação: produção poética de autoria feminina em dois tempos**. . Rio de Janeiro: Editora da Palavra e Programa de Pós-Graduação em Ciências da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. p. 264-293;

CHARTIER, Roger. **A História ou a Leitura do Tempo**. Trad: ANTUNES, Cristina. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

_____, Roger. Cultura Popular: revisando um conceito historiográfico. **Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 8, nº 16, 1995, p. 179 a 192.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras**. São Paulo: Escritura Editora, 2002.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: era Barroca e Era Neoclássica** - 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar e cozinhar. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

DEL PRIORE, Mary. **História da Mulher no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____, **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino In: DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Mulheres no Brasil Colônia**. São Paulo: Contexto, 2003.

DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V. 01. São Paulo: Ed 34 LTDA, 1995.

DUBY, Georges. **Ano 1000 a ano 2000 na Pista de nossos Medos**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

DUBY, Georges; PERROT, Michele. História das Mulheres no Ocidente. Vol III, IV e V. Lisboa: Afrontamento, 1991.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: o uso dos prazeres**. Vol 2. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.

HATORG, François. Tempos do Mundo, História, Escrita da História. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. (Org.) **Estudos sobre a Escrita da História**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. p. 16 a 25.

JELIN, Elizabeth. Las luchas políticas por la memoria In: **Los Trabajos de la memoria**. Argentina: Siglo veintuino de argentia editores, 2001. p. 39 a 62. LEBRUN, Gérard. O conceito da paixão In: CARDOSO, Sérgio. **Os Sentidos da Paixão.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 17 a 35.

LOEENTHAL, David. Como conhecemos o passado In**: *Projeto História: trabalhos e memórias*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História**. São Paulo: PUC-SP. N 17, Novembro/98; p. 63 a 201.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: das Origens ao Romantismo** - vol 1. São Paulo: Cultrix, 2008.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras Brasileiras do Século XIX** – Vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

PESSANHA, José Américo Motta. ***Sócrates***. São Paulo: Editora Nova Cultural, S/D.

_____, **Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio: vida e o obra**. São Paulo: Editora Abril S.A. Cultural, 1973.

PLATÃO, ***Fedro***. Trad. BINI, Edson. Bauru – SP: Editora Edipro, 2008. p. 31-111;

_____, ***O Banquete***. Trad. BINI, Edson. Bauru – SP: Editora Edipro, 2010. p. 33-107;

PRAZ, Mario. **A carne, a morte e o diabo na Literatura Romântica**. Trad. MENEZES, Philadelpho. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1996.

PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira. ***A expressão do Amor nas Bucólicas de Virgílio.*** Disponível em < http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas09-10/01_Pulquerio.pdf > Acesso em: 17 mar, 2012.

RIBEIRO, Edilene. Questões de Gênero e Feminismo em "Diálogos", de Ana Eurídice Eufrosina de Barandas In: RIBEIRO, Edilene. **Gênero e Literatura: Resgate, Contemporaneidade e outras perspectivas**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013. p. 11- 25;

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. ***A Poesia Pastoril: as Bucólicas de Virgílio*.** São Paulo: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas do DLCV da FLFCH da Universidade de São Paulo, 2006.

RICOEUR, Paul. Entre o Tempo Vivido e o Tempo Universal: o Tempo Histórico **in:** RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa Tomo III**. Campinas – SP: Papirus Editora 1997. p.179 a 215.

RONCARI, Luiz. **Literatura Brasileira: dos Primeiros Cronistas aos Últimos Românticos**. São Paulo: EDUSP, 1995.

ROUGEMONT, Denis. **História do Amor no Ocidente**. 2ª ed. Trad. Paulo Bandi: São Paulo: Ediouro, 2003.

SARLO, Beatriz. O tempo passado In: SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 09-44;

SÊNECA. **Sobre a Vida Feliz**. Trad João Teodoro D'Olim Marote: São Paulo: Nova Alexandria, 2005.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e Impasses: o Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro, Rocco: 1994.

SWAIN, Tãnia Navarro. **Entre a vida e a morte, o sexo**. Disponível em: <http://www.intervencoesfeministas.mpbnet.com.br/textos/tania-entre_a_vida_ea_morte.pdf>. Acesso em: 17 dez, 2013.

TRINGALI, Dante. **A arte poética de Horácio**. São Paulo: Editora Musa , 1993.

VASCONCELOS, Eliane. Beatriz Francisca de Assis Brandão IN MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras Brasileiras do Século XIX** – Vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

VIRGÍLIO. **Éclogas**. Trad. GARCIA, Jose Velasco Y. Editora Glem. Buenos Aires. S/D;

WEINHARDT, Marilene. Ficção e História: Retomada de um Antigo **Diálogo** In: ***Revista Letras*** nª 58. Curitiba – PR: Editora UFPR, Jul/Dez 2002. p. 105 a 120. WHITE, Hayden. Enredo e Verdade na Escrita da História **in:** MALERBA, Jurandir. **A História da Escrita: teoria e historia da historiografia.** São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 191 a 232.

WOLF, Virginia. **Um Teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000